ENTRE FANTASIA E REALIDADE:

O PAPEL DO IMAGINÁRIO INFANTIL NA COMPREENSÃO DA HONESTIDADE E DAS CONSEQUÊNCIAS DA MENTIRA

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Dalva Costa do Nascimento
Neusa Venditte
Grupo Escoteiro João Oscalino

PINÓQUIO, ENTRE FANTASIA E REALIDADE: O PAPEL DO IMAGINÁRIO INFANTIL NA COMPREENSÃO DA HONESTIDADE E DAS CONSEQUÊNCIAS DA MENTIRA.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Dalva Costa do Nascimento
Neusa Venditte
Grupo Escoteiro João Oscalino

A pesquisa, intitulada *"Pinóquio, entre fantasia e realidade: o papel do imaginário infantil na compreensão da honestidade e das consequências da mentira"*, constitui-se em uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, fundamentada em autores reconhecidos pela relevância teórica e pela seriedade acadêmica. O objetivo central é analisar como o imaginário infantil, representado pela clássica obra *As Aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi (2014), contribui para a formação moral e ética da criança, especialmente no que concerne à honestidade e à percepção das consequências da mentira. Ao privilegiar uma leitura crítica e autoral, a investigação busca estabelecer diálogos entre pedagogia, psicologia do desenvolvimento, literatura infantil e filosofia da educação, iluminando a potência simbólica da narrativa na constituição subjetiva e social da infância. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se apoia em referenciais da literatura infantil e juvenil (Coelho, 1991; Corso; Corso, 2006; Propp, 1984; Tolkien, 2014), da pedagogia crítica e humanista (Freire, 1983; Alves, 1983, 1986, 1994, 2005; Kant, 1999; Lévinas, 2009), bem como das reflexões sobre o imaginário e o desenvolvimento psicológico infantil (Vigotski, 2018; 2021; Dickel; Sartori, 2020; Ariès, 2006). Os documentos oficiais de referência para a educação, como o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (Brasil, 1998), que reafirmam a importância da literatura no processo formativo. Essa diversidade de fontes garante consistência e legitimidade às análises, valorizando uma postura crítica e autoral. A escolha de *Pinóquio* como eixo condutor da pesquisa se justifica pela universalidade e pela densidade simbólica da obra. A narrativa do boneco de madeira que deseja se tornar humano, mas enfrenta as consequências de seus atos, oferece uma metáfora poderosa sobre os dilemas éticos que acompanham a infância. Conforme argumenta Collodi (2014), a mentira não é apenas um desvio moral, mas um entrave à própria constituição do sujeito. O nariz que cresce a cada engano não simboliza apenas a punição, mas também a visibilidade da verdade oculta, o que permite à criança elaborar, em seu imaginário, a relação entre ato, consequência e responsabilidade. Autores como Rubem Alves (1983; 1986; 1994; 2005) e Paulo Freire (1983) reforçam que a educação precisa se abrir à imaginação, à escuta e ao diálogo, pois é nesse espaço simbólico que a criança se reconhece como sujeito ético. Do mesmo modo, Vigotski (2018; 2021) evidencia a função mediadora da imaginação no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, o que torna a literatura infantil um recurso privilegiado para a aprendizagem da honestidade como valor socialmente construído. A presença de mitos e arquétipos, analisados por Ferry (2008), confirma que narrativas fantásticas, como a de Pinóquio, possuem função estruturante na formação da consciência moral. A pesquisa evidencia a relevância da literatura infantil como instrumento de educação ética e estética, mostrando que a fantasia não se opõe à realidade, mas a complementa. *Pinóquio* se revela, não apenas como um clássico literário, mas como um recurso pedagógico que, entre metáforas e símbolos, auxilia a criança na compreensão da honestidade e das consequências da mentira, contribuindo para sua ética e formação integral.

Palavras-chave: Pinóquio; imaginário infantil; honestidade; mentira; literatura infantil; educação.

PINOCCHIO, BETWEEN FANTASY AND REALITY: THE ROLE OF THE CHILD'S IMAGINATION IN UNDERSTANDING HONESTY AND THE CONSEQUENCES OF LYING.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Dalva Costa do Nascimento
Neusa Venditte
Grupo Escoteiro João Oscalino

The research entitled *"Pinocchio, Between Fantasy and Reality: The Role of the Child's Imagination in Understanding Honesty and the Consequences of Lying"* is a bibliographic and documentary study based on authors recognized for their theoretical relevance and academic rigor. Its central objective is to analyze how the child's imagination, represented by the classic work *The Adventures of Pinocchio* by Carlo Collodi (2014), contributes to the moral and ethical formation of the child, particularly regarding honesty and the understanding of the consequences of lying. By privileging a critical and authorial reading, the study seeks to establish dialogues between pedagogy, developmental psychology, children's literature, and the philosophy of education, highlighting the symbolic power of narrative in the subjective and social constitution of childhood. Methodologically, the research relies on references from children's and youth literature (Coelho, 1991; Corso & Corso, 2006; Propp, 1984; Tolkien, 2014), critical and humanist pedagogy (Freire, 1983; Alves, 1983, 1986, 1994, 2005; Kant, 1999; Lévinas, 2009), as well as reflections on imagination and child psychological development (Vigotski, 2018; 2021; Dickel & Sartori, 2020; Ariès, 2006). Official educational documents, such as the *National Curriculum Framework for Early Childhood Education* (Brazil, 1998), reaffirm the importance of literature in the educational process. This diversity of sources ensures consistency and legitimacy in the analyses, emphasizing a critical and authorial stance. The choice of Pinocchio as the central focus of the study is justified by the universality and symbolic density of the work. The story of the wooden puppet who wishes to become human, yet faces the consequences of his actions, provides a powerful metaphor for the ethical dilemmas that accompany childhood. According to Collodi (2014), lying is not merely a moral deviation but a hindrance to the formation of the subject itself. The nose that grows with each lie symbolizes not only punishment but also the visibility of hidden truth, allowing the child to elaborate, in their imagination, the relationship between act, consequence, and responsibility. Authors such as Rubem Alves (1983, 1986, 1994, 2005) and Paulo Freire (1983) emphasize that education must open itself to imagination, listening, and dialogue, as it is in this symbolic space that the child recognizes themselves as an ethical subject. Likewise, Vigotski (2018; 2021) highlights the mediating role of imagination in the development of higher psychological functions, making children's literature a privileged resource for learning honesty as a socially constructed value. The presence of myths and archetypes, analyzed by Ferry (2008), confirms that fantastic narratives, such as Pinocchio, play a structuring role in the formation of moral consciousness. The research demonstrates the relevance of children's literature as a tool for ethical and aesthetic education, showing that fantasy does not oppose reality but complements it. Pinocchio emerges not only as a literary classic but also as a pedagogical resource that, through metaphors and symbols, helps children understand honesty and the consequences of lying, contributing to their ethical development and overall formation.

Keywords: Pinocchio; child imagination; honesty; lying; children's literature; education

Pinóquio, entre fantasia e realidade.

(Poema: O papel do imaginário infantil na compreensão da honestidade e das consequências da mentira)

Simone Helen Drumond Ischkanian
Sandro Garabed Ischkanian
Dalva Costa do Nascimento

No silêncio da infância floresce a canção,
verdade e mentira disputam o coração.
Um nariz que cresce, um olhar que se esconde,
conta à criança o caminho por onde.

Mentir parece fácil, um jogo, um brincar,
mas cedo ou tarde a verdade vem falar.
Ela pode ser dura, feia ou gentil,
mas liberta a alma e traz paz sutil.

Pinóquio ensina, com seu jeito encantado,
que o erro corrige e não deve ser negado.
Mentiras aprisionam, verdades libertam,
e sonhos honestos mais fortes se alertam.

Aos jovens, um convite: coragem dizer,
a verdade que dói também faz crescer.
Aos pais e mestres, a lição é cuidar,
acolher com amor, orientar sem julgar.

Educar não é punir, é mostrar o sentido,
que toda verdade tem valor escondido.
Na harmonia da vida, em cada canção,
verdade é alicerce da nossa educação.

Assim, fantasia e realidade se dão a mão,
no imaginário infantil, brota a lição:
quem fala a verdade aprende a viver,
em paz consigo e pronto a crescer.

PINÓQUIO, ENTRE FANTASIA E REALIDADE: O PAPEL DO IMAGINÁRIO INFANTIL NA COMPREENSÃO DA HONESTIDADE E DAS CONSEQUÊNCIAS DA MENTIRA.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Dalva Costa do Nascimento
Neusa Venditte
Grupo Escoteiro João Oscalino

1. INTRODUÇÃO

Celine Maria de Sousa Azevedo conduz as crianças por uma floresta encantada onde cada árvore sussurra segredos da natureza. Ela ensina que cada segredo só se mantém vivo quando falamos a verdade. As crianças, ao ouvirem os sussurros, aprendem que esconder a verdade transforma o mundo ao redor em um lugar confuso e sombrio, enquanto a honestidade faz brotar flores de confiança e amizade.

Simone Helen Drumond Ischkanian apresenta pincéis mágicos que pintam não apenas paisagens, mas sentimentos e palavras no reino das cores dançantes. Cada vez que uma criança mente, a cor se torna cinza, e a tela perde vida. Com paciência e diálogo, Simone Helen Drumond Ischkanian mostra que, quando se fala a verdade, a tela se enche de cores vivas, e o mundo se torna um lugar mais alegre e harmonioso.

Gladys Nogueira Cabral guia crianças em um labirinto de espelhos que refletem suas ações. Cada mentira faz os reflexos se deformarem, criando sombras que assustam e confundem. À medida que a criança aprende a dizer a verdade, os espelhos refletem imagens claras, mostrando que a honestidade ilumina o caminho, fortalece a coragem e ajuda a caminhar com segurança na vida real.

Silvana Nascimento de Carvalho conduz as crianças em um jardim onde as flores falam. Ela ensina que a mentira é como uma pétala que cai antes do tempo, fragilizando a beleza do conjunto. Ao cultivar a verdade, cada flor floresce plenamente, e o jardim se transforma em um espaço de aprendizado e convivência. As crianças percebem que a honestidade é essencial para o crescimento de cada ser e para a harmonia do todo.

Sandro Garabed Ischkanian apresenta uma ponte mágica que liga ilhas flutuantes de fantasia. Cada mentira coloca uma pedra instável na ponte, ameaçando a travessia. Quando a verdade é falada, a ponte se fortalece, permitindo que todas as crianças atravessem com segurança, compreendendo que a honestidade conecta mundos, constrói vínculos e promove confiança mútua.

Dalva Costa do Nascimento conduz os pequenos navegadores em um barco encantado, onde cada palavra dita molda as velas e o rumo da viagem. Mentir é como ventos contrários que desviam o barco; falar a verdade é ajustar as velas para que todos possam chegar ao porto seguro. Assim, Dalva Costa do Nascimento mostra que a honestidade orienta escolhas, desenvolve responsabilidade e permite que a viagem da vida seja mais clara e segura.

Neusa Venditte cria uma cidade de livros falantes, onde cada história depende da verdade para existir. Mentiras fazem os livros perderem páginas e palavras, enquanto a honestidade permite que as histórias se completem e transmitam ensinamentos. As crianças aprendem que, ao falar a verdade, constroem narrativas mais fortes, éticas e inspiradoras para si e para os outros.

O Grupo Escoteiro João Oscalino organiza um acampamento mágico, onde cada atividade exige confiança e trabalho em equipe. Mentir faz com que tendas desmoronem e mapas se percam, enquanto a verdade permite que todos sigam juntos, aprendam e conquistem objetivos. O Grupo Escoteiro João Oscalino mostra que honestidade, respeito e colaboração são essenciais para viver em harmonia com os colegas e com a natureza.

O ponto de partida desta reflexão encontra-se nas histórias que, ao longo dos séculos, foram contadas e recontadas entre povos e culturas. Como destaca Nelly Novaes Coelho (1991), os contos transmitidos oralmente não eram meras distrações, mas carregavam consigo valores éticos, ensinamentos e esperanças. No caso de *Pinóquio*, Carlo Collodi (2014) criou um personagem que ultrapassa os limites do tempo e continua sendo referência para compreender o dilema entre mentira e verdade. O boneco de madeira, em sua trajetória de erros e aprendizados, representa a criança em busca de formação moral, atravessada pelas escolhas que faz e pelas consequências que experimenta.

Como afirma Nelly Novaes Coelho (1991, p. 33):

> Através dos manuscritos ou das narrativas transmitidas oralmente e levadas de uma terra para outra, de um povo a outro, por sobre distâncias incríveis, que os homens venciam em montarias, navegações ou a pé, - a invenção literária de uns e de outros vai sendo comunicada, divulgada, fundida, alterada... Com a força da religião, como instrumento civilizador, é de se compreender o caráter moralizante, didático, sentencioso que marca a maior parte da literatura que nasce nesse período, fundindo o lastro oriental e o ocidental. No fundo é sempre uma literatura que divulga ideais, que busca ensinar, divertindo, no momento em que a palavra literária (privilégio de poucos e difundida pelos jograis, menestréis, rapsodos, trovadores...) era vista como atividade superior do espírito: a atividade de um homem que tinha o Conhecimento das Coisas (Nelly Novaes Coelho, 1991, p. 33).

A educação, nesse contexto, precisa assumir a fantasia como aliada, e não como obstáculo. J. R. R. Tolkien (2014) lembra que os contos de fadas não falam apenas de seres encantados, mas do próprio humano em estado de encantamento. A fantasia, portanto, não afasta a criança da realidade; ao contrário, a aproxima de questões complexas de forma lúdica e significativa. É na imaginação que se elaboram valores como coragem, respeito, solidariedade e, sobretudo, honestidade. A mentira, quando abordada pedagogicamente, não é apenas um erro a ser punido, mas uma oportunidade para refletir sobre a importância da verdade como fundamento da vida em comunidade.

J. R. R Tolkien (2014, p. 27) amplia nosso conceito de contos de fadas quando diz que:

> Os contos de fadas não são histórias sobre fadas ou elfos, mas histórias sobre o Reino Encantado, Faërie, o reino ou estado no qual as fadas existem. O Reino Encantado contém muitas coisas além dos elfos e das fadas, e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões; contém os oceanos, o sol, a lua, o firmamento e a terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós mesmos, seres humanos mortais, quando estamos encantados (J. R. R Tolkien, 2014, p. 27).

Os pais e familiares são peças fundamentais, pois é no lar que se dá o primeiro contato da criança com a noção de verdade. É no convívio diário, entre conversas simples e exemplos cotidianos, que se aprende a reconhecer a honestidade como virtude essencial. Ensinar a verdade não significa apresentar um mundo idealizado, mas oferecer à criança o entendimento de que a verdade, seja bela ou dolorosa, é sempre mais digna que a mentira. Educar nesse sentido é também reeducar, ressignificar erros e abrir espaço para o diálogo amoroso que transforma falhas em aprendizado.

A escola, por sua vez, tem papel privilegiado no processo de formação ética, pois é nela que a criança amplia suas experiências para além do convívio familiar e se depara com valores coletivos que estruturam a vida em sociedade. Como lembra Paulo Freire (1983), educar é um ato político e libertador, que exige abertura ao diálogo e respeito ao outro, situando cada estudante como sujeito ativo na construção de sua própria consciência. Nesse sentido, trabalhar *Pinóquio* em sala de aula é mais do que narrar uma história encantadora: é criar condições para que a fantasia dialogue com a realidade, permitindo que a criança reconheça a importância da verdade como fundamento das relações humanas.

O conto de Collodi (2014), ao apresentar de forma lúdica as consequências da mentira, abre espaço para debates que estimulam a reflexão crítica e a autonomia moral. A literatura infantil deixa de ser apenas entretenimento e se torna uma poderosa ferramenta de mediação pedagógica, que possibilita à criança compreender que a verdade não deve ser vista como imposição externa, mas como conquista interior, fruto da responsabilidade e da consciência. Nesse processo, os professores assumem papel essencial. Como sugere Rubem Alves (1983, 1986, 1994,

2005), cabe a eles atuar como jardineiros da esperança, cultivando nos alunos a sensibilidade para perceber que a honestidade floresce não em discursos abstratos, mas nos pequenos gestos cotidianos — no respeito à palavra dada, no reconhecimento do erro, na coragem de assumir responsabilidades e na capacidade de viver em harmonia com os outros. Ao mediar esse encontro entre fantasia, ética e realidade, a escola não apenas ensina, mas forma sujeitos íntegros, capazes de compreender que falar a verdade, mesmo quando difícil, é sempre o caminho mais humano e libertador.

A compreensão de que não existem mentiras menores ou maiores é um princípio fundamental para a formação ética e moral da criança. Muitas vezes, adultos minimizam pequenas transgressões, chamando-as de "mentirinhas inocentes", ou classificam exageros como "mentironas" sem avaliar seus efeitos reais sobre a confiança e os vínculos afetivos. Cada desvio da verdade, por mais sutil que pareça, gera consequências sobre a percepção que os outros têm do indivíduo e sobre a própria consciência da criança. Ensinar que a mentira compromete relações é ajudá-la a perceber que a confiança é construída a partir da coerência entre palavra e ação, e que cada escolha ética, mesmo pequena, contribui para a solidez de sua integridade pessoal.

A metáfora do nariz de Pinóquio, que cresce diante de cada engano, funciona como um símbolo pedagógico poderoso, visível e imediato, que ilustra a inevitabilidade da verdade. Collodi (2014) mostra, de forma lúdica e concreta, que a mentira não permanece oculta indefinidamente: cedo ou tarde, os atos enganosos se revelam e afetam o sujeito e o coletivo. Para a criança, esse recurso simbólico permite compreender, de maneira sensível e imaginativa, a relação entre ação, consequência e responsabilidade. Não se trata apenas de punição, mas de percepção: o engano deixa marcas, assim como o crescimento do nariz deixa a mentira visível, tornando inevitável o confronto com a verdade.

Ensinar sobre a verdade, portanto, exige mais do que repreensão ou regras rígidas; requer espaços de reflexão, diálogo e mediação constante. A escola e a família devem trabalhar em conjunto para que a criança internalize que ser honesta é uma prática libertadora e não um fardo moral. Criar contextos em que ela possa narrar suas experiências, reconhecer erros e discutir escolhas, permite que o aprendizado seja experiencial e significativo. É nesse espaço seguro que se desenvolve a consciência de que a verdade fortalece relações, promove harmonia e constrói autonomia. A mentira, por sua vez, deixa de ser apenas uma transgressão a ser punida, tornando-se um ponto de partida para debates éticos, exercícios de empatia e compreensão das consequências, consolidando, desde cedo, valores que perdurarão por toda a vida.

Esta pesquisa se apresenta como um convite à aventura do ensinar e do aprender, em que fantasia e realidade se encontram para construir uma pedagogia da honestidade. Os autores e colaboradores aqui reunidos não apenas estudam, mas vivem o compromisso de formar crianças e

jovens capazes de escolher a verdade como caminho de vida. *Pinóquio*, entre fantasia e realidade, torna-se assim uma ferramenta pedagógica, uma metáfora atemporal e um chamado ético para pais, professores e educadores em geral: educar para a verdade é educar para a liberdade, para a responsabilidade e para a construção de um mundo mais justo e humano.

Rubem Alves (1983, 1986, 1994, 2005) nos inspira a ver a educação como ato de amor, sensibilidade e encantamento. Paulo Freire (1983) recorda-nos que o diálogo é o caminho da libertação, e Vigotski (2018, 2021) ilumina o papel da imaginação na formação do pensamento e na construção de significados. Nelly Novaes Coelho (1991), ao narrar o percurso histórico da literatura infantil, e Tolkien (2014), ao ampliar nosso olhar para os reinos da fantasia, nos fazem perceber que histórias como a de *Pinóquio* carregam valores que ultrapassam gerações. Collodi (2014), ao dar vida ao boneco de madeira que busca tornar-se humano, nos mostra como a mentira e suas consequências atravessam o imaginário infantil e encontram ressonância no cotidiano real.

Assim como as narrativas transmitidas oralmente, que, segundo Coelho (1991), difundiam ideais e ensinavam divertindo, *Pinóquio* é uma metáfora atemporal que continua a ensinar. A cada mentira, o nariz que cresce denuncia que não há "mentirinhas" ou "mentironas", mas apenas mentira — e mentir é sempre feio, pois fere a confiança, rompe laços e adia a construção da autonomia moral.

Pais e familiares assumem papel fundamental: educar para a verdade. É no seio da família que a criança aprende, pelo exemplo e pela palavra, que a honestidade é fundamento da vida em sociedade. A escola, por sua vez, é convocada a trabalhar o tema de modo consciente e sistemático, explorando narrativas, símbolos e diálogos que ajudem os alunos a compreender que a verdade, mesmo quando difícil, é libertadora.

Falar a verdade, seja ela bonita ou feia, exige da criança e do jovem não apenas discernimento, mas também coragem. Muitas vezes, a honestidade implica enfrentar situações desconfortáveis, admitir erros ou compartilhar sentimentos que podem não ser imediatamente aceitos pelos outros. A prática da verdade se configura como um exercício diário de ética, no qual o indivíduo aprende a valorizar a coerência entre pensamento, palavra e ação. Educar para a honestidade, portanto, não se limita a instruir sobre o que é certo ou errado, mas envolve criar condições para que a criança compreenda a importância de suas escolhas e as consequências que delas decorrem.

Educar para a verdade também é, muitas vezes, reeducar. Quando a criança ou o jovem erra, a ação pedagógica não deve se limitar à repreensão, mas deve funcionar como um processo de reconstrução de valores, oferecendo compreensão, diálogo e orientação. É nesse espaço de mediação que se fortalece a consciência moral, permitindo que os indivíduos reconheçam suas falhas, reflitam sobre elas e incorporem aprendizados que os tornem mais responsáveis. A

honestidade, assim, se constrói gradualmente, com paciência, sensibilidade e consistência, tornando-se um hábito interiorizado que influencia tanto a vida pessoal quanto as relações sociais.

Pinóquio, entre fantasia e realidade, revela-se como uma ferramenta pedagógica potente para mediar essas reflexões. O conto de Collodi (2014) permite que crianças e jovens experimentem simbolicamente dilemas éticos, compreendam a relação entre ato e consequência e visualizem de forma concreta o impacto de cada mentira ou omissão. Mais do que uma narrativa lúdica, a história atua como um laboratório da vida, no qual se exploram conceitos de caráter, responsabilidade e convivência harmoniosa. Ao trabalhar com a obra, educadores, pais e familiares podem criar situações de diálogo, análise e expressão, auxiliando os estudantes a internalizarem a importância da verdade como fundamento de uma vida ética, consciente e socialmente comprometida.

Este trabalho, é um convite: uma aventura pelo mundo da imaginação e da realidade, em que crianças, jovens, pais, educadores e toda a comunidade são chamados a viver e ensinar em harmonia com a verdade, descobrindo que é nela — e apenas nela — que a liberdade floresce.

2. DESENVOLVIMENTO

As aventuras de Pinóquio, originalmente escritas por Carlo Collodi em 1883, não ficaram restritas ao texto original e atravessaram gerações, atravessando fronteiras culturais e se reinventando em múltiplas adaptações. A obra de Collodi foi concebida em um contexto social específico: a Itália do final do século XIX, marcada por transformações econômicas, urbanização crescente e desafios relacionados à educação infantil. Naquela época, a literatura infantil possuía um caráter marcadamente moralizante, funcionando como instrumento de instrução ética e social para crianças de diferentes classes. Collodi, ao narrar as peripécias do boneco de madeira que desejava se tornar humano, oferecia não apenas entretenimento, mas também lições sobre responsabilidade, honestidade e os efeitos das escolhas individuais. Cada capítulo da história original continha advertências explícitas sobre os perigos da desobediência, da preguiça e da mentira, refletindo valores sociais e educativos que buscavam formar cidadãos conscientes e responsáveis.

A popularidade de Pinóquio, entretanto, transcendeu o texto literário e inspirou inúmeras variantes, reinterpretando o personagem e suas aventuras conforme diferentes culturas e épocas. Entre essas releituras, o longa-metragem produzido por Walt Disney, lançado em 1940, tornou-se um marco mundial ao apresentar um Pinóquio suavizado, romantizado e descontextualizado do cenário italiano original. Segundo Lacerda (2005), a adaptação cinematográfica retirou do

personagem a nacionalidade italiana e reduziu a complexidade moral que Collodi havia construído.

O Pinóquio de Walt Disney, apresentado como ingênuo, dócil e incapaz de tomar decisões por conta própria, conquistou gerações de crianças pela sua ternura e fragilidade, tornando-se um personagem simpático e cativante. No entanto, essa representação, ao suavizar os conflitos e dilemas originais da obra de Collodi, também eliminou a dimensão crítica e educativa que permeava a narrativa italiana do século XIX. A versão cinematográfica privilegia a inocência e o encantamento, transformando os erros do protagonista em eventos quase sempre sem maiores consequências, o que pode reduzir a percepção do público infantil sobre a importância de assumir responsabilidade pelos próprios atos. A ausência de punições reais ou de reflexões morais profundas cria um universo onde a verdade e a mentira se confundem com facilidade, e onde a compreensão da ética, da disciplina e do esforço pessoal pode se tornar superficial.

A ingenuidade de Pinóquio, transformada em ternura e compaixão, também redefine o papel do protagonista diante dos desafios que enfrenta. Cada confusão, que no texto de Collodi possui um caráter educativo e de advertência, passa a ser vista como uma consequência quase natural de sua distração e inocência. Esse deslocamento simbólico, embora atraente para o público infantil, apresenta um risco implícito na compreensão social da criança: ao enxergar a desobediência, a mentira ou a imprudência como algo quase inocente e isento de responsabilidade, o jovem espectador pode internalizar a ideia de que ações erradas não têm impacto real, fragilizando a noção de consequência, de limite e de ética pessoal.

No contexto educacional, essa interpretação mais leve e romântica de Pinóquio exige atenção especial por parte de professores e mediadores. A narrativa de Disney, sem a crítica social explícita de Collodi, não estimula automaticamente o desenvolvimento da reflexão crítica ou da consciência moral. Para que a história cumpra sua função pedagógica, é necessário que educadores contextualizem os episódios, discutam com os alunos as escolhas do boneco e as consequências que elas poderiam gerar no mundo real. Nesse sentido, o personagem torna-se uma ferramenta educativa ainda mais potente, desde que mediada por diálogo, orientação e reflexão consciente, permitindo que crianças aprendam a distinguir fantasia de realidade e compreendam que cada ação gera efeitos tangíveis.

No âmbito familiar, a percepção de um Pinóquio excessivamente ingênuo também exige atenção. Pais que se limitam a apresentar a versão cinematográfica sem comentários podem transmitir, involuntariamente, a ideia de que a honestidade ou a tomada de decisões responsável é opcional ou secundária. Por isso, é fundamental que a família dialogue sobre os erros do boneco, apontando as consequências de suas ações e incentivando a criança a refletir sobre seus próprios comportamentos. A história deixa de ser apenas entretenimento e se transforma em recurso de

formação ética, fortalecendo laços familiares e promovendo valores de responsabilidade, respeito e coerência entre palavra e ação.

No plano social, a suavização dos dilemas morais de Pinóquio evidencia como a cultura popular influencia a percepção da ética e da cidadania. Ao retirar o caráter crítico e educativo da narrativa, o filme pode reduzir a compreensão das crianças sobre questões de honestidade, responsabilidade e consequências, que são fundamentais para o convívio em sociedade. No entanto, essa limitação também representa uma oportunidade: ao comparar diferentes versões da história — o Pinóquio de Collodi e o Pinóquio de Disney — crianças e jovens podem aprender a analisar criticamente conteúdos culturais, desenvolver senso de discernimento e compreender que a ética não é abstrata, mas se manifesta nas escolhas do dia a dia. Nesse sentido, o contraste entre fantasia e realidade, entre inocência e responsabilidade, torna-se uma poderosa ferramenta para a educação integral do indivíduo.

A decisão dos roteiristas de Disney de modificar Pinóquio está diretamente ligada às expectativas do público americano da época e às necessidades do estúdio. Eles consideraram que o protagonista original não possuía o carisma suficiente para competir com outras princesas e heróis do estúdio, como Branca de Neve. Acreditavam que era necessário reduzir os elementos mais agressivos e inserirem comédia e princípios morais simplificados, a fim de criar um personagem simpático e acessível às crianças.

Pinóquio se transformou em um boneco "bonzinho", cuja trajetória se afastava da formação de um adulto responsável e ético, que Collodi originalmente propunha. Essa adaptação evidencia como a recepção e o contexto social influenciam a interpretação de obras literárias, demonstrando que a história de Pinóquio é, ao mesmo tempo, um reflexo da sociedade que a produziu e uma narrativa maleável capaz de ser reconfigurada para diferentes públicos.

De acordo com Lacerda:

> Apesar da história de Collodi formar um adulto responsável e educado e no final de cada capítulo obter mensagens educativas, os roteiristas dos estúdios acreditavam que o protagonista não era ingênuo o bastante, não tinha o mesmo carisma da Branca de Neve e não era forte o suficiente para carregar a história. Eles acreditavam que deveriam diminuir os aspectos agressivos, inserindo comédia e princípios morais. Por essa razão, eles alteraram e adaptaram livremente a história, criando um Pinóquio mais bonzinho, inocente e com cara de desenhos da Disney (Lacerda. 2005).

A trajetória de Pinóquio revela a complexa relação entre literatura, educação e sociedade. Enquanto Collodi utilizava o personagem para transmitir valores éticos e lições de vida em um contexto italiano do século XIX, adaptações posteriores, como a de Walt Disney, reinterpretaram o boneco de madeira segundo expectativas de entretenimento e sensibilidades culturais específicas.

A comparação entre essas versões permite compreender não apenas as mudanças estéticas e narrativas, mas também a evolução das concepções de infância, moralidade e educação ao longo do tempo. Pinóquio, permanece como um símbolo atemporal, capaz de ensinar sobre responsabilidade, consequências das ações e a importância da verdade, ainda que cada versão enfatize diferentes dimensões desses ensinamentos.

2.1. O IMAGINÁRIO INFANTIL E A FORMAÇÃO MORAL

A infância é um período privilegiado para a construção da ética e da moralidade, e a fantasia presente nas narrativas literárias desempenha papel central nesse processo. Por meio de histórias encantadas, personagens imaginários e situações extraordinárias, a criança é capaz de vivenciar dilemas, perceber consequências e refletir sobre suas escolhas de maneira simbólica e segura. Propp (1984), ao analisar a morfologia do conto maravilhoso, evidencia como as estruturas narrativas organizam ações e consequências de forma que o leitor compreenda princípios universais de justiça, coragem e honestidade.

A literatura infantil, ao propor situações de conflito e resolução, permite que a criança experimente valores éticos de maneira indireta, internalizando princípios de convivência, respeito e empatia. A fantasia cria distanciamento entre a ação e a experiência real, mas, paradoxalmente, intensifica a compreensão das implicações morais de cada escolha. O boneco de madeira de Collodi, o Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry ou os personagens fantásticos de Tolkien são exemplos de mediadores simbólicos que transportam a criança para universos em que a ética se manifesta de forma concreta e perceptível.

O Pequeno Príncipe (Saint-Exupéry, 2018) explora conceitos complexos de amizade, responsabilidade e cuidado com o outro por meio de uma narrativa poética e simbólica. A interação com a rosa ou com o planeta do aviador permite à criança refletir sobre o valor do compromisso, da empatia e do reconhecimento da singularidade do outro. Essas reflexões, mesmo que indiretas, estruturam a consciência moral e preparam o indivíduo para decisões éticas na vida real.

Tolkien (2014), em *Árvore e Folha*, demonstra que a imaginação literária é capaz de conectar a experiência individual da criança com o mundo coletivo, ampliando a percepção de responsabilidades sociais e culturais. A fantasia literária, portanto, não é um escape da realidade, mas uma ferramenta de compreensão crítica e emocional, permitindo que valores como coragem, justiça e solidariedade sejam assimilados de forma concreta.

Vigotski (2018; 2021) reforça que a imaginação é um mecanismo central para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores na infância. Ao criar mundos imaginários e assumir papéis fantásticos, a criança aprende a planejar, refletir sobre consequências e desenvolver

habilidades de resolução de conflitos. A literatura, nesse sentido, funciona como um mediador cultural que integra aprendizado emocional, cognitivo e moral.

A fantasia, além de estimular o pensamento crítico, favorece a empatia e a compreensão das diferenças. Por meio de personagens diversos, a criança aprende a respeitar opiniões distintas e a reconhecer a multiplicidade de perspectivas sobre o que é certo ou errado. O contato com dilemas éticos, mesmo em contextos imaginários, contribui para a formação de indivíduos capazes de lidar com conflitos de maneira equilibrada e consciente.

O imaginário infantil também desempenha função reguladora da emoção. Situações de risco ou conflito apresentadas em narrativas literárias permitem à criança vivenciar medo, ansiedade, frustração ou raiva de forma segura. Esse processamento simbólico das emoções fortalece a maturidade afetiva e auxilia no desenvolvimento de uma ética baseada não apenas na norma social, mas na reflexão e na responsabilidade pessoal.

O contato com histórias maravilhosas estimula a criatividade e a capacidade de resolução de problemas. Quando confrontada com dilemas de personagens como Pinóquio ou outros heróis fantásticos, a criança aprende a considerar alternativas, avaliar consequências e escolher caminhos mais justos. Essa prática reforça a compreensão de que a ética é aplicada em contextos complexos, que exigem discernimento, paciência e imaginação.

A narrativa literária ainda funciona como um espaço de diálogo intergeracional. Pais, professores e mediadores podem utilizar histórias para discutir valores éticos, explorar consequências de ações e compartilhar experiências. A leitura conjunta cria oportunidades para que a criança integre ensinamentos culturais, sociais e familiares, construindo uma base sólida de valores morais.

A repetição de leituras e a familiaridade com personagens e tramas permitem que a criança internalize padrões éticos de forma gradual. Cada nova leitura reforça a compreensão das consequências da desobediência, da mentira ou da injustiça, fortalecendo a percepção de que as escolhas têm impacto sobre si mesma e sobre os outros.

O imaginário infantil é uma ferramenta pedagógica poderosa. Ele proporciona experiências simuladas que desenvolvem a consciência moral e social, preparando a criança para a tomada de decisões conscientes e empáticas. Ao explorar narrativas literárias, é possível criar um ambiente educacional rico, que integra fantasia, reflexão e aprendizagem ética.

As narrativas literárias também promovem a autonomia moral. Ao avaliar as decisões de personagens, a criança exerce julgamento crítico e estabelece parâmetros de conduta que orientam seu comportamento na vida real. Esse processo fortalece a ética pessoal e a compreensão de responsabilidades sociais.

A dimensão cultural da fantasia literária é outro aspecto relevante. Histórias e contos incorporam tradições, valores e códigos sociais, permitindo que a criança compreenda e internalize normas de convivência e princípios éticos compartilhados. A literatura infantil contribui para a socialização e para a formação de cidadãos conscientes.

A fantasia, oferece um espaço seguro para testar limites, explorar dilemas e experimentar emoções intensas. A criança constrói resiliência, aprende a lidar com frustrações e desenvolve empatia. A combinação de imaginação, narrativa e reflexão moral transforma a literatura em um recurso educativo essencial para o desenvolvimento integral da infância. Neste sentio, os autores destacam uma sequencia de atividades para fortalecer o trabalho educacional positivo deste contexto.

Contação de histórias com dilemas morais: O educador lê ou narra um conto no qual os personagens enfrentam situações éticas, como mentiras ou desobediência. Após a narrativa, os alunos discutem as escolhas dos personagens, refletindo sobre alternativas corretas e incorretas.

Reescrita de finais: As crianças são convidadas a reescrever o final de uma história, imaginando como o personagem poderia agir de maneira mais ética. Essa atividade incentiva o pensamento crítico e a compreensão das consequências das ações.

Dramatização com fantoches: Os alunos utilizam fantoches para representar os personagens do conto, recriando conflitos e soluções éticas. A dramatização permite que experimentem, de forma simbólica, diferentes papéis e consequências.

Discussão em grupo sobre ações corretas e incorretas: Após a leitura, os alunos se reúnem em grupos para analisar decisões dos personagens. O professor orienta a reflexão sobre como as escolhas impactam os outros, estimulando empatia e consciência social.

Diário imaginário de personagens: As crianças escrevem diários do ponto de vista de um personagem, refletindo sobre suas escolhas e sentimentos. Essa atividade ajuda a compreender o efeito das ações sobre si mesmo e sobre os outros.

Jogos de simulação baseados em narrativas: Os alunos participam de jogos que reproduzem situações da história, decidindo o que o personagem faria. Isso permite vivenciar consequências e desenvolver julgamento ético.

Desenhos ou colagens sobre consequências das ações: As crianças ilustram ou montam colagens mostrando resultados de ações honestas e desonestas dos personagens, tornando visual a relação entre decisão e consequência.

Teatro de sombras com enredos éticos: Usando figuras de sombras, os alunos encenam contos que envolvem dilemas morais. Essa atividade integra expressão artística e reflexão ética, reforçando a aprendizagem de valores.

Dramatização de conflitos e resolução pacífica: Os alunos representam situações de conflito retiradas das histórias, buscando soluções pacíficas e justas. Essa prática fortalece habilidades de negociação e cooperação.

Produção de histórias em quadrinhos: As crianças criam quadrinhos a partir de contos, enfatizando decisões éticas e consequências. O recurso gráfico torna a narrativa mais envolvente e ajuda na internalização de valores.

Debates sobre escolhas dos personagens: Após a leitura, os alunos discutem em roda o que fariam se estivessem no lugar do personagem. Isso estimula reflexão crítica, argumentação e compreensão do ponto de vista do outro.

Leitura comparativa de versões diferentes: As crianças leem diferentes adaptações de um mesmo conto, analisando como as escolhas do personagem mudam e o que isso ensina sobre ética e responsabilidade.

Atividade “o que aconteceria se…”: Os alunos imaginam cenários alternativos para os personagens, explorando como decisões diferentes geram consequências distintas. A prática estimula raciocínio lógico e moral.

Mapas de decisões e consequências: As crianças constroem gráficos ou mapas que ligam decisões dos personagens a resultados de suas ações. Esse recurso visual facilita a compreensão da relação entre ato e consequência.

Escrita colaborativa de contos fantásticos: Em grupos, os alunos criam histórias fantásticas em que os personagens enfrentam dilemas éticos. A colaboração reforça valores de cooperação, respeito e responsabilidade.

Jogos de memória com valores e ações: Os alunos associam cartas com valores, como honestidade e solidariedade, a ações dos personagens. O jogo fortalece a memorização de conceitos éticos e o reconhecimento de comportamentos adequados.

Diário da empatia: Cada criança escreve sobre a experiência de um personagem diferente, refletindo como ele se sentiu e como suas ações afetaram os outros. A atividade promove empatia e compreensão social.

Discussão sobre injustiças e soluções: As crianças identificam situações injustas nas histórias e propõem soluções possíveis, aprendendo sobre equidade, respeito e responsabilidade coletiva.

Oficinas de poesias ou músicas: Os alunos criam poemas ou canções inspirados nos dilemas morais dos contos, expressando valores como honestidade, amizade e coragem de forma artística.

Jogos cooperativos inspirados em narrativas: Atividades em grupo baseadas em contos, nas quais é necessário trabalhar em equipe para alcançar objetivos, estimulam solidariedade, diálogo e ética na prática.

Criação de finais alternativos em grupo: Os alunos discutem e escrevem diferentes desfechos para histórias, considerando decisões éticas dos personagens. A atividade desenvolve reflexão sobre escolhas e consequências.

Teatro de improviso: As crianças encenam cenas do conto sem roteiro fixo, explorando alternativas éticas para os dilemas apresentados, estimulando criatividade e tomada de decisão consciente.

Construção de mapas de aventura: Criar mapas do mundo do conto, destacando locais de desafios morais e éticos enfrentados pelos personagens, ajuda a visualizar a narrativa e suas implicações.

Jogos de tomada de decisão: Apresentar aos alunos dilemas retirados das histórias e pedir que escolham caminhos diferentes, refletindo sobre as consequências de cada escolha.

Escrita de cartas entre personagens: As crianças escrevem cartas de aconselhamento entre personagens, discutindo decisões corretas e incorretas, promovendo empatia e análise ética.

Criação de quadrinhos morais: Desenhar histórias em quadrinhos que enfatizem situações de honestidade, amizade e solidariedade, reforçando valores sociais de maneira lúdica.

Discussão sobre injustiça social: Identificar cenas nos contos que abordam injustiça ou desigualdade e debater soluções, estimulando consciência crítica e empatia.

Oficina de criação de mascotes éticos: Os alunos inventam personagens imaginários que representem valores como coragem, honestidade e respeito, relacionando-os com situações da vida real.

Reencenação de conflitos familiares: Utilizando contos, recriar situações de conflito e propor soluções pacíficas, fortalecendo habilidades de negociação e resolução de problemas.

Atividade de diário da consciência: Cada criança escreve sobre suas próprias ações e decisões do dia a dia, comparando com situações vividas pelos personagens dos contos.

Jogos de tabuleiro narrativos: Criar tabuleiros baseados em histórias, onde cada escolha do personagem afeta o progresso, estimulando reflexão sobre consequências de maneira interativa.

Laboratório de dilemas: Apresentar dilemas complexos inspirados nas histórias e promover debates estruturados, desenvolvendo pensamento crítico e ética prática.

Teatro de sombras colaborativo: Construir cenas com figuras de sombras, enfatizando valores e decisões éticas, incentivando trabalho em grupo e expressão artística.

Produção de audiolivros éticos: Gravar narrativas de contos com comentários sobre dilemas e valores, reforçando compreensão auditiva e reflexão moral.

Oficina de criação de fábulas: Criar novas fábulas que transmitam ensinamentos sobre ética, honestidade, empatia e responsabilidade social.

Jogos de associação: Associar personagens a valores ou atitudes corretas e incorretas, promovendo memorização de conceitos éticos e sociais.

Debate de heróis e vilões: Comparar personagens considerados bons ou maus, analisando atitudes, motivações e consequências, estimulando pensamento crítico.

Criação de painéis éticos: Montar murais coletivos com cenas de contos, destacando decisões corretas e incorretas, permitindo visualização e discussão em grupo.

Leituras dramáticas: Realizar leituras em voz alta de passagens que envolvem dilemas morais, intercalando discussões sobre valores e consequências.

Jogos cooperativos de construção de história: Em grupo, criar uma narrativa onde cada participante adiciona um trecho, incorporando dilemas éticos e soluções, incentivando colaboração e reflexão sobre responsabilidade coletiva.

Ao integrar autores como Propp (1984), Saint-Exupéry (2018), Tolkien (2014) e Vigotski (2018; 2021), compreendemos que a literatura fantástica atua como mediadora do crescimento ético, social e emocional, tornando-se indispensável para a educação infantil contemporânea.

2.2. PINÓQUIO COMO SÍMBOLO DA VERDADE E DA MENTIRA

Pinóquio, personagem criado por Carlo Collodi, tornou-se um símbolo universal da verdade e da mentira, e a metáfora de seu nariz crescente funciona como recurso pedagógico poderoso. Cada vez que o boneco de madeira mente, seu nariz aumenta, visibilizando de maneira lúdica as consequências dos enganos. Essa representação simbólica permite à criança compreender, de forma concreta e imaginativa, que cada ato possui repercussões, fortalecendo a percepção da responsabilidade individual. A fantasia, não se opõe à realidade; ao contrário, serve como um instrumento de mediação entre o mundo imaginário e os valores éticos que devem ser assimilados.

Segundo Luc Ferry (2008), os mitos e narrativas fantásticas desempenham um papel fundamental na formação moral, pois apresentam conflitos e dilemas que transcendem a simples lógica do cotidiano. O nariz de Pinóquio, nesse sentido, funciona como um mito pedagógico moderno: um símbolo tangível que permite à criança perceber a importância da honestidade. A cada mentira, há uma consequência visível, reforçando a ideia de que a ética não é abstrata, mas se manifesta nas ações concretas de cada indivíduo.

Do ponto de vista da pedagogia crítica, Paulo Freire (1983) enfatiza que educar não se reduz à transmissão de regras ou conteúdos; trata-se, antes, de criar espaços de diálogo, reflexão e construção consciente da autonomia moral. Nesse sentido, a escola deve funcionar como um

ambiente onde a criança é convidada a questionar, experimentar e compreender o impacto de suas ações no mundo à sua volta. Trabalhar a história de Pinóquio em sala de aula exemplifica perfeitamente essa proposta, pois oferece um cenário lúdico no qual a honestidade e a mentira podem ser discutidas, analisadas e vivenciadas simbolicamente.

Pinóquio, com seu nariz que cresce a cada mentira, transforma-se em um instrumento pedagógico visual e concreto para ensinar consequências. As crianças conseguem perceber, de forma imediata, que cada desvio da verdade provoca alterações visíveis e significativas, reforçando a noção de que a mentira, seja ela pequena ou grande, afeta não apenas o indivíduo, mas também as relações ao seu redor. Essa representação simbólica facilita a compreensão ética, tornando conceitos abstratos, como responsabilidade e honestidade, tangíveis e compreensíveis.

Ao mediar discussões sobre Pinóquio, o professor assume o papel de facilitador do pensamento crítico. Ele não apenas aponta o certo ou errado, mas questiona as escolhas do personagem e incentiva os alunos a refletirem sobre como reagiriam em situações semelhantes. Esse processo pedagógico promove a consciência de que a verdade não é uma imposição externa, mas uma construção que fortalece a autonomia moral da criança. Assim, a narrativa se torna um ponto de partida para a construção de princípios éticos duradouros.

A utilização de Pinóquio na pedagogia crítica também estimula habilidades socioemocionais. As crianças aprendem a lidar com frustração, arrependimento e empatia ao observar o impacto de uma mentira nos demais personagens da história. Elas começam a perceber que a honestidade não é apenas um valor teórico, mas uma prática cotidiana que influencia relacionamentos, confiança e respeito mútuo. Essa dimensão emocional é essencial para consolidar o aprendizado ético de forma integral, envolvendo razão e sentimento.

Além disso, o caráter lúdico da narrativa amplia o engajamento infantil. A fantasia permite que a criança se distancie da experiência real, tornando mais fácil explorar dilemas morais sem medo de punições ou julgamentos. Esse distanciamento simbólico cria um espaço seguro para reflexão, onde ela pode experimentar diferentes atitudes e observar suas consequências, consolidando a compreensão de que escolhas têm efeitos concretos sobre si e sobre os outros.

O nariz de Pinóquio funciona como uma metáfora pedagógica potente, pois evidencia visualmente a relação entre ação e consequência. Cada engano é registrado de maneira imediata e visível, o que reforça o conceito de responsabilidade ética. A criança aprende que mentir não é apenas um ato isolado, mas uma ação que desencadeia efeitos mensuráveis na vida própria e na vida de quem a cerca. Essa percepção direta é fundamental para a internalização de valores e para o desenvolvimento da consciência moral.

Trabalhar Pinóquio em sala também favorece o diálogo entre escola e família. Ao discutir o conto, professores podem envolver pais e responsáveis, promovendo conversas sobre

honestidade no cotidiano doméstico e social. Essa articulação fortalece a educação moral, mostrando à criança que os princípios éticos discutidos na escola se aplicam na vida real, no convívio familiar e nas relações sociais mais amplas.

A narrativa, atua como um elo de integração entre diferentes contextos educativos. Elas podem identificar situações em que foram sinceras ou mentirosas, refletir sobre os impactos de suas escolhas e projetar alternativas mais responsáveis. Esse exercício de autorreflexão é central na pedagogia crítica, pois transforma a criança em agente ativo de seu próprio desenvolvimento ético, fortalecendo sua autonomia e capacidade de julgamento moral.

A mediação docente deve enfatizar que a honestidade não se resume à obediência às regras, mas envolve compreensão das consequências de cada ação e compromisso com o bem-estar coletivo. Pinóquio oferece um exemplo claro e concreto desse princípio: a mentira altera a percepção dos outros, prejudica relações e, no caso da narrativa, manifesta-se de maneira visível e simbólica. Ao perceber essa dinâmica, a criança internaliza valores essenciais para sua formação ética e social.

A história de Pinóquio, quando trabalhada sob a perspectiva da pedagogia crítica de Paulo Freire, revela-se muito mais do que um simples conto infantil. Ela se torna um instrumento de educação ética, promovendo reflexão, diálogo e construção consciente de valores. A fantasia, combinada com a mediação pedagógica, permite que a criança compreenda que a honestidade é um valor que se pratica diariamente, que a mentira, em qualquer dimensão, tem consequências e que o desenvolvimento moral depende da capacidade de refletir e agir de forma responsável em relação a si e aos outros.

A filosofia da educação também reforça a importância de símbolos concretos na aprendizagem moral. Immanuel Kant (1999) defende que o ensino deve cultivar a razão prática e a compreensão do dever. A narrativa de Pinóquio, ao evidenciar de forma clara a consequência do engano, permite que a criança desenvolva não apenas o discernimento sobre o certo e o errado, mas também a consciência do dever ético de falar a verdade, mesmo quando esta pode ser difícil ou desconfortável.

Luana Lacerda (2005) ressalta que a história de Pinóquio sofreu diversas adaptações, mas que a essência pedagógica permanece: a relação entre mentira e consequência é um elemento central para o aprendizado infantil. A versão cinematográfica de Disney suavizou o caráter crítico, tornando Pinóquio mais inocente, mas a metáfora do nariz continua a transmitir a mesma mensagem ética. Mediar essa leitura permite que a criança compreenda que a verdade e a mentira são dimensões que afetam a convivência social e a integridade pessoal.

Em uma perspectiva humanista, Emmanuel Lévinas (2009) destaca que a ética nasce da relação com o outro. O nariz de Pinóquio simboliza, portanto, não apenas o impacto da mentira

sobre si mesmo, mas também sobre os outros. Cada engano é percebido e sentido pelos personagens ao redor, mostrando que a verdade é fundamental para manter confiança, respeito e harmonia nas relações interpessoais. A fantasia, nesse contexto, serve como ponte entre percepção emocional e entendimento moral, permitindo que a criança internalize valores de justiça e responsabilidade.

O diálogo entre fantasia e realidade, proporcionado por Pinóquio, é essencial para a construção moral da infância. A história combina elementos lúdicos com lições éticas concretas, oferecendo às crianças ferramentas cognitivas e emocionais para avaliar suas próprias escolhas. Ao observar o crescimento do nariz diante da mentira, a criança aprende que os atos têm consequências, que a honestidade é um valor inegociável e que a ética não é uma imposição externa, mas uma construção diária que envolve respeito a si mesmo e aos outros. Pinóquio permanece como um recurso pedagógico atemporal, unindo imaginação, reflexão moral e desenvolvimento ético.

2.3. O CONFRONTO ENTRE A FANTASIA, INOCÊNCIA, REALIDADE E EDUCAÇÃO MORAL E ÉTICA

O confronto entre fantasia, inocência, realidade e educação moral e ética representa um dos maiores desafios na formação infantil. As crianças vivem naturalmente em um mundo de imaginação rica e intensa, no qual personagens fantásticos, aventuras improváveis e situações extraordinárias fazem parte de seu cotidiano mental. Nesse contexto, a fantasia não é mera diversão, mas um espaço de experimentação e aprendizagem, onde valores, normas sociais e dilemas éticos podem ser explorados de forma simbólica e segura. A obra clássica de Carlo Collodi, As Aventuras de Pinóquio (2014), exemplifica como a narrativa fantástica pode servir como ferramenta pedagógica para mediar o desenvolvimento moral da criança, apresentando situações em que a mentira, a desobediência e as escolhas equivocadas geram consequências concretas, permitindo à criança refletir sobre atos e responsabilidades.

A inocência infantil, característica que torna a criança sensível e aberta à aprendizagem, deve ser preservada e valorizada. No entanto, a inocência não significa ignorância ou incapacidade de compreender o certo e o errado. Pelo contrário, ela oferece uma base emocional segura para a construção ética. As aventuras de Pinóquio apresentam dilemas em que a criança se identifica com o protagonista, sentindo suas dúvidas, medos e tentações. A narrativa permite que a criança explore a experiência do erro sem sofrer diretamente as consequências severas da vida real, favorecendo a internalização de conceitos morais de maneira gradual e empática.

Diana L. Corso e Mário Corso (2006), em Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis, enfatizam que as narrativas fantásticas funcionam como um espelho da psique infantil,

oferecendo símbolos e metáforas que ajudam a criança a processar emoções complexas e experiências sociais. O mundo imaginário permite vivenciar medos, culpas, desejos e dilemas éticos de forma segura, e as histórias de Pinóquio, com suas consequências visíveis — como o nariz que cresce diante da mentira — servem como metáforas poderosas da responsabilidade e do impacto dos atos. A fantasia não apenas diverte, mas também educa e moraliza, conectando emoções e raciocínio crítico.

Adriana Dickel e Francieli Sartori (2020) destacam que a narrativa na educação infantil mobiliza funções psicológicas superiores em situações de interação discursiva, como memória, atenção, planejamento e julgamento moral. Ao trabalhar Pinóquio em sala de aula, a criança é estimulada a analisar causas e efeitos, prever consequências e elaborar estratégias de resolução de problemas. A combinação de fantasia e realidade cria uma ponte entre o mundo imaginário e os desafios éticos reais, promovendo a capacidade de tomada de decisão consciente e refletida.

A tensão entre o imaginário infantil e as exigências do mundo real também envolve o papel mediador do educador. O professor atua como guia, ajudando a criança a compreender que a fantasia oferece oportunidades de aprendizagem sobre valores como honestidade, solidariedade e justiça, mas que essas lições têm implicações na vida concreta. O desafio consiste em preservar a espontaneidade e a criatividade, enquanto se reforçam princípios éticos essenciais, evitando que a criança se torne meramente moralista ou receosa de errar.

As escolhas equivocadas de Pinóquio e suas consequências dramáticas ilustram a complexidade da vida real, permitindo que a criança experimente, simbolicamente, situações de risco, engano e arrependimento. Ao mesmo tempo, a narrativa demonstra que é possível corrigir erros e aprender com eles, promovendo a resiliência emocional e a compreensão de que toda ação possui impacto sobre si mesmo e sobre os outros. Esse aprendizado gradual fortalece a autonomia ética da criança, ensinando que a verdade deve ser cultivada, não apenas imposta.

O equilíbrio entre fantasia e realidade também envolve o diálogo entre professores, familiares e crianças. As discussões mediadas sobre as aventuras de Pinóquio permitem refletir sobre a ética cotidiana, conectando o universo simbólico da narrativa com exemplos concretos de honestidade, empatia e responsabilidade. Esse processo integrador contribui para que a criança compreenda que valores morais não existem apenas na ficção, mas estruturam a convivência social e a construção de vínculos confiáveis.

A fantasia, funciona como um laboratório ético, onde a criança pode testar diferentes condutas e observar efeitos simbólicos e concretos de suas ações. Collodi oferece, nesse sentido, um roteiro educativo que mescla humor, aventura e advertência moral, tornando-se ferramenta pedagógica valiosa. As experiências imaginárias permitem a internalização de conceitos éticos de

maneira emocionalmente significativa, aumentando a probabilidade de que sejam incorporados à vida real.

A narrativa fantasiada de Pinóquio estimula habilidades cognitivas complexas, como a capacidade de julgar situações ambíguas, reconhecer múltiplas perspectivas e antecipar consequências. Essa construção simbólica da realidade é fundamental para o desenvolvimento da ética aplicada, pois prepara a criança para lidar com situações do cotidiano em que decisões corretas exigem análise crítica e sensibilidade social.

O confronto entre fantasia, inocência e realidade não é um dilema a ser eliminado, mas um espaço pedagógico a ser explorado. A educação moral e ética, ao utilizar contos como o de Pinóquio, respeita a imaginação e a criatividade infantil, ao mesmo tempo em que promove reflexão sobre a verdade, a responsabilidade e as consequências das escolhas.

O equilíbrio entre proteção da inocência e orientação ética oferece à criança oportunidades únicas de aprendizado, formando sujeitos capazes de agir de forma consciente, empática e responsável em um mundo cada vez mais complexo.

2.4. MENTIR É FEITO: EDUCAR, REEDUCAR E RECONSTRUIR VALORES

A mentira, embora socialmente condenada, faz parte do processo natural de experimentação da infância. As crianças testam limites, observam reações e exploram a realidade por meio de pequenos enganos. Philippe Ariès (2006), em História social da criança e da família, aponta que a infância é historicamente um período de aprendizado gradual, no qual erros e desvios do comportamento adulto esperado são instrumentos fundamentais de crescimento. Nesse contexto, a mentira não deve ser encarada apenas como transgressão, mas como oportunidade pedagógica: um momento em que educadores e familiares podem orientar a criança sobre valores, consequências e responsabilidade.

Rubem Alves (2005), em Variações sobre a vida e a morte, ressalta que educar é muito mais do que corrigir; é criar espaços de escuta, diálogo e reflexão, onde o erro se transforma em aprendizado. Mentir, portanto, torna-se um ato que permite a reconstrução de valores éticos, quando mediado com sensibilidade e atenção. A metáfora do nariz de Pinóquio ilustra essa perspectiva: cada mentira revela-se como um indicativo de aprendizado necessário, mostrando que a ética deve ser internalizada, não imposta de forma autoritária.

O papel da educação nesse processo é orientar, corrigir e ressignificar comportamentos. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998) enfatiza a importância de experiências pedagógicas que promovam o desenvolvimento de atitudes éticas e sociais. Nesse sentido, professores e educadores são mediadores que ajudam a criança a compreender que a

mentira compromete relações de confiança e afeta não apenas o indivíduo, mas todo o ambiente social em que está inserida.

A reeducação moral, portanto, não se limita a punir, mas envolve reflexão sobre atos, consequências e alternativas. Ao analisar situações em que Pinóquio mente, a criança percebe que os erros não são irreversíveis e que sempre é possível escolher a verdade, mesmo após enganos. Esse processo fortalece a autonomia ética, permitindo que a criança assuma responsabilidades e aprenda a agir de forma consciente.

Transformar o erro em oportunidade de aprendizagem moral requer estratégias específicas. Atividades como dramatizações, debates em grupo e construção de finais alternativos permitem que a criança vivencie simbolicamente o impacto de suas decisões. Essas experiências fortalecem a compreensão de que toda ação tem efeito, promovendo reflexão crítica, empatia e solidariedade, habilidades essenciais para a convivência social e para o desenvolvimento integral.

A mentira, nesse contexto, deixa de ser apenas um comportamento inadequado para tornar-se um ponto de partida para a construção de valores. A pedagogia contemporânea, como defendida por Rubem Alves (2005), considera que a educação ética deve cultivar a imaginação, a escuta e o diálogo. Pinóquio, ao enfrentar consequências visíveis de suas escolhas, fornece um recurso simbólico que facilita a internalização de princípios morais de forma afetiva e duradoura.

A reconstrução de valores também exige parceria entre escola e família. Ariès (2006) destaca que a socialização ética da criança ocorre de forma mais eficaz quando experiências escolares e domésticas convergem.

O diálogo constante sobre a verdade, a honestidade e a responsabilidade ajuda a consolidar o entendimento de que mentiras, por menores que sejam, prejudicam relacionamentos e confiança.

O processo educativo deve, portanto, equilibrar orientação, reeducação e experimentação. Crianças aprendem melhor quando seus erros são acolhidos como parte do crescimento, e não apenas punidos. A narrativa de Pinóquio mostra que o engano é visível, mas a correção e o aprendizado estão ao alcance de quem assume responsabilidades e pratica a verdade.

Educar para a honestidade implica oferecer experiências significativas em que o valor da verdade é percebido na prática, e não apenas na teoria. O trabalho pedagógico deve envolver estratégias que transformem a fantasia em reflexão ética, promovendo compreensão sobre a consequência de cada escolha, reforçando valores como respeito, empatia e responsabilidade.

Compreender que mentir é parte do processo de aprendizagem não significa aceitar o engano, mas reconhecê-lo como oportunidade de construir ética. Ao educar, reeducar e reconstruir valores, a criança é preparada para enfrentar o mundo com discernimento moral, fortalecendo a

consciência da verdade como princípio fundamental para a convivência harmoniosa, a formação do caráter e o desenvolvimento integral.

2.5. A MEDIAÇÃO EDUCACIONAL DA VERDADE: PAIS E EDUCADORES

A mediação da verdade na infância é um processo delicado que exige a participação ativa de pais e educadores como guias da aprendizagem moral. Rubem Alves (1983, 1986, 1994, 2005) reforça que ensinar não se limita a transmitir conteúdos, mas consiste em criar ambientes onde a escuta, o diálogo e a reflexão sejam centrais. No contexto da formação da honestidade, o adulto assume o papel de mediador do imaginário infantil, conduzindo a criança a compreender que a verdade, seja ela agradável ou desconfortável, é um valor fundamental para o convívio social e o desenvolvimento ético.

Os pais desempenham função primordial, pois são os primeiros modelos de conduta para a criança. Alves (1994) enfatiza que a prática educativa da família deve ir além da correção de comportamentos, oferecendo exemplos concretos de honestidade e responsabilidade. Ao responder com empatia e clareza às situações em que a criança enfrenta dilemas entre mentira e verdade, os adultos ajudam-na a internalizar valores éticos e a compreender que a honestidade é um princípio que fortalece relações de confiança.

Na escola, a mediação da verdade ganha dimensões pedagógicas mais estruturadas. Como sugere Alves (2005), a escola dos sonhos deve ser um espaço que cultive a imaginação, mas também promova a reflexão sobre escolhas e consequências. Trabalhar com narrativas como Pinóquio permite que professores transformem situações fantásticas em ferramentas para discutir honestidade, incentivando a criança a perceber que todo ato tem impacto, não apenas em si mesma, mas também nos outros.

A mediação educacional exige estratégias de acolhimento e diálogo. Alves (1983) destaca que o professor deve ouvir a criança, compreender suas intenções e medos, e propor reflexões sobre o significado das ações. Quando a criança percebe que pode expressar suas dúvidas e conflitos sem medo de julgamento, ela se sente segura para reconhecer erros e aprender com eles. Esse espaço de diálogo é essencial para que a honestidade seja compreendida como um valor internalizado, e não apenas imposto de fora.

Estratégias práticas incluem dramatizações, debates, narrativas coletivas e análise de situações reais ou simbólicas. Alves (1986) reforça que histórias, jogos e contos de fadas funcionam como recursos poderosos para mediar dilemas éticos, pois permitem que a criança experimente, simbolicamente, as consequências de enganos e acertos. Essa abordagem combina fantasia e realidade, tornando a aprendizagem da verdade mais significativa e duradoura.

Na escola, atividades de dramatização podem envolver a encenação de cenas de Pinóquio ou de outros contos infantis, nas quais os alunos interpretam diferentes personagens e enfrentam dilemas morais. Por exemplo, uma situação em que um personagem mente e precisa lidar com as consequências pode ser encenada, seguida de um debate em grupo sobre escolhas, sentimentos e repercussões. Essa prática permite que a criança experimente, simbolicamente, o impacto de suas decisões e desenvolva empatia e consciência ética.

Debates orientados são outra estratégia eficaz. Professores podem propor perguntas como "O que Pinóquio poderia ter feito de diferente?" ou "Como nos sentiríamos se alguém mentisse para nós?". Esse tipo de discussão não apenas estimula o pensamento crítico, mas também a argumentação ética, ajudando a criança a compreender que a verdade e a honestidade são fundamentais para a confiança e a convivência harmoniosa.

Narrativas coletivas podem ser construídas em sala de aula, nas quais cada criança contribui com um trecho da história, incluindo momentos de engano e acertos. Ao final, o grupo analisa coletivamente as consequências das ações dos personagens, discutindo alternativas e refletindo sobre escolhas morais. Essa prática desenvolve não apenas a compreensão ética, mas também habilidades de cooperação, comunicação e criatividade.

A análise de situações reais ou simbólicas amplia a mediação da verdade para contextos próximos à vida da criança. Professores e pais podem propor histórias sobre pequenas mentiras cotidianas, como não contar algo que aconteceu na escola ou inventar uma desculpa. Em seguida, dialogam com a criança sobre sentimentos envolvidos, consequências e alternativas de comportamento. Essa abordagem permite que o aprendizado da honestidade seja aplicado ao cotidiano e não se restrinja à ficção.

Para envolver a família, podem ser sugeridas atividades complementares em casa. Por exemplo, pais podem ler histórias como Pinóquio com os filhos e propor que eles relatem momentos em que contaram a verdade ou uma mentira, discutindo juntos as consequências e sentimentos envolvidos. Essa prática fortalece a mediação ética no ambiente familiar e cria continuidade entre o aprendizado escolar e a experiência doméstica.

Atividade familiar consiste em criar um "diário da honestidade", no qual a criança registra atos de sinceridade ou enganos percebidos no dia a dia. Pais e filhos podem revisar o diário semanalmente, refletindo sobre escolhas, consequências e alternativas, incentivando o reconhecimento de erros e a valorização da verdade.

Jogos cooperativos inspirados em narrativas também são eficazes. Por exemplo, grupos podem participar de desafios nos quais a honestidade é necessária para alcançar objetivos coletivos. Situações em que mentiras atrapalham o grupo permitem que a criança perceba, de forma concreta, como a desonestidade afeta relações e resultados.

Atividades de arte e expressão, como desenhar ou criar histórias em quadrinhos, também permitem explorar dilemas éticos. A criança pode ilustrar cenas em que um personagem mente ou fala a verdade e refletir sobre as consequências de cada escolha. Essa abordagem lúdica e visual ajuda a internalizar valores de forma afetiva e criativa.

Tanto na escola quanto em casa, é importante que os adultos mediadores acompanhem a experiência com diálogo constante, escuta ativa e feedback construtivo. Alves (1986) destaca que histórias e brincadeiras não são apenas entretenimento, mas instrumentos para ensinar ética, responsabilidade e empatia. Quando combinadas com reflexão e mediação adulta, essas atividades tornam a aprendizagem da verdade prática, significativa e duradoura, fortalecendo a formação moral da criança.

A mediação da verdade também envolve a construção de vínculos de confiança. Quando pais e professores atuam como parceiros no processo de aprendizagem, a criança sente-se segura para admitir erros e compreender suas implicações. Alves (1994) reforça que a confiança mútua é um elemento essencial da educação ética: sem ela, a honestidade se torna apenas uma obrigação, não um valor internalizado.

A prática educativa deve considerar a diversidade de contextos e experiências individuais. Cada criança possui repertórios diferentes de compreensão e percepção moral, e o adulto precisa adaptar a mediação de acordo com suas necessidades, garantindo que a reflexão sobre a verdade seja inclusiva e significativa. O diálogo constante, o acolhimento afetivo e a utilização de histórias simbólicas criam condições para que a criança desenvolva discernimento ético e responsabilidade social.

A compreensão da verdade como valor central não se limita à correção de mentiras, mas envolve incentivo à reflexão sobre escolhas, consequências e impactos sociais. Alves (2005) enfatiza que a educação deve ser um processo de aproximação entre imaginação e realidade, permitindo que a criança perceba a importância de agir com honestidade, mesmo diante de situações difíceis ou complexas.

Trabalhar a honestidade de forma mediada também fortalece competências socioemocionais, como empatia, autocontrole e capacidade de diálogo. Quando adultos conduzem conversas sobre verdades “bonitas ou feias”, ajudam a criança a reconhecer que a ética não é apenas uma abstração, mas um princípio que orienta comportamentos e relações interpessoais. Essa prática prepara o indivíduo para viver em sociedade de forma respeitosa, responsável e consciente.

A mediação educacional da verdade, seja na família ou na escola, exige comprometimento, paciência e sensibilidade. Pais e educadores, ao atuarem como guias do imaginário e da reflexão ética, transformam cada experiência de engano ou acerto em

oportunidade de aprendizagem moral. A honestidade, assim, deixa de ser apenas uma regra e passa a ser um valor internalizado, construído com apoio, diálogo e exemplos consistentes, formando crianças capazes de agir com consciência, responsabilidade e empatia no mundo.

2.6. LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

A literatura infantil é um recurso pedagógico valioso, capaz de articular fantasia, ética e aprendizagem social de forma significativa. Rubem Alves (2005) aponta que histórias e contos de fadas não apenas encantam, mas também oferecem espaços simbólicos nos quais a criança pode experimentar dilemas morais, refletir sobre valores e compreender consequências de escolhas. Narrativas clássicas, como As Aventuras de Pinóquio de Carlo Collodi (2014), permitem que a fantasia se torne veículo de aprendizado ético, ajudando a criança a internalizar conceitos de honestidade, responsabilidade e empatia de maneira lúdica e afetiva.

Philippe Ariès (2006), em História social da criança e da família, destaca que a infância é um período de experimentação e construção gradual da consciência social. Nesse sentido, a literatura oferece à criança um espaço seguro para explorar emoções, conflitos e decisões morais sem riscos reais, permitindo que a reflexão ética ocorra de forma natural. As narrativas infantis funcionam como pontes entre o imaginário e a realidade, permitindo que a criança compreenda valores e normas sociais de maneira experiencial.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998) reforça a importância da literatura no processo formativo, destacando que histórias clássicas e simbólicas são instrumentos pedagógicos que favorecem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. A leitura e a mediação de contos permitem à criança construir significado a partir de situações narrativas, promovendo consciência crítica, habilidades de interpretação e capacidade de refletir sobre o comportamento próprio e alheio.

Nelly Novaes Coelho (1991) aponta que a literatura infantil tem função histórica, social e moralizante, transmitindo valores, crenças e códigos éticos de geração em geração. As histórias clássicas são, portanto, muito mais do que entretenimento; são instrumentos culturais que educam, divertem e fortalecem a compreensão da criança sobre si mesma, sobre os outros e sobre o mundo em que vive. Por meio da narrativa, a criança internaliza princípios como honestidade, solidariedade, justiça e respeito.

A obra de Carlo Collodi, As Aventuras de Pinóquio (2014), exemplifica a potência pedagógica da literatura infantil. O boneco de madeira que deseja se tornar humano enfrenta consequências diretas de suas ações, permitindo à criança refletir sobre escolhas, responsabilidades e ética. A narrativa combina elementos fantásticos com situações moralmente

significativas, criando um espaço de aprendizado simbólico que favorece a compreensão de valores éticos de forma concreta e emocionalmente significativa.

Diana L. Corso e Mário Corso (2006), em Fadas no divã, enfatizam que contos e fábulas funcionam como mediadores do imaginário infantil, permitindo que a criança processe emoções complexas e dilemas éticos de maneira segura e estruturada. A fantasia oferece distanciamento emocional, enquanto os símbolos presentes nas histórias — como o nariz de Pinóquio que cresce diante da mentira — possibilitam à criança experimentar consequências e refletir sobre a relação entre ação, responsabilidade e resultado.

A literatura infantil promove o desenvolvimento estético, incentivando percepção de beleza, harmonia narrativa e criatividade. Rubem Alves (2005) destaca que a apreciação estética não é apenas formativa, mas também funcional, pois abre caminhos para o pensamento crítico e sensível. A criança, ao se deparar com narrativas simbólicas e poéticas, desenvolve capacidade de interpretação, imaginação e conexão emocional com o mundo.

A literatura também exerce função social, pois permite que a criança compreenda diferentes perspectivas e contextos. A diversidade de personagens, dilemas e culturas presentes nas histórias contribui para a construção de empatia, tolerância e compreensão social. Ao discutir narrativas coletivamente, em sala de aula ou em família, a criança aprende a ouvir, respeitar opiniões alheias e refletir sobre a própria postura em diferentes situações, consolidando habilidades socioemocionais essenciais.

Atividades pedagógicas como dramatizações, debates, rodas de leitura e produção de histórias coletivas potencializam o impacto da literatura. Elas permitem que a criança vivencie simbolicamente os dilemas apresentados nas narrativas, discutindo consequências de atos como mentiras ou desobediência, e construindo estratégias de comportamento ético. Esse processo fortalece a aprendizagem ativa, transformando a leitura em experiência educativa significativa e integrada à vida cotidiana.

A literatura infantil, quando mediada por educadores e familiares atentos, se torna um instrumento pedagógico poderoso, articulando fantasia, ética, estética e sociabilidade. Ela permite que a criança compreenda valores fundamentais, internalize princípios morais e desenvolva consciência crítica, emocional e social. Contos como Pinóquio exemplificam como o imaginário simbólico é capaz de educar, formando sujeitos conscientes, éticos e capazes de agir de maneira responsável no mundo.

2.7. MENTIRA, CONSEQUÊNCIA E RESPONSABILIDADE

A compreensão da mentira na infância deve ir além da simples condenação do erro, reconhecendo-a como uma oportunidade de aprendizagem moral. Adriana Dickel e Francieli

Sartori (2020) destacam que a narrativa, quando bem mediada, mobiliza funções psicológicas superiores, permitindo que a criança reflita sobre ações, consequências e responsabilidades. Ao vivenciar histórias como as aventuras de Pinóquio, a criança tem a oportunidade de observar, simbolicamente, o impacto de suas escolhas, compreendendo que a mentira não é um ato isolado, mas um comportamento que afeta relações, confiança e bem-estar coletivo.

Luc Ferry (2008), em A sabedoria dos mitos gregos, reforça a importância do mito e da narrativa como instrumentos pedagógicos que ensinam a viver. Contos simbólicos, como Pinóquio, permitem que a criança experiencie dilemas éticos de forma segura, compreendendo que cada ação — seja ela correta ou equivocada — tem repercussões no mundo ao redor. A metáfora do nariz que cresce diante da mentira funciona como recurso visual que conecta fantasia e realidade, facilitando a internalização de princípios éticos e a reflexão sobre consequências.

Paulo Freire (1983) acrescenta que educar é um ato político e libertador, que envolve diálogo, escuta e construção conjunta de conhecimento. Nesse sentido, o debate sobre a mentira deve ser conduzido de forma que a criança perceba sua própria capacidade de escolha, compreenda o impacto de suas ações e desenvolva autonomia moral. A escola, então, se torna espaço de mediação entre imaginação e realidade, permitindo que a criança experimente, simbolicamente, situações que exigem honestidade e responsabilidade.

Immanuel Kant (1999) enfatiza que a educação deve formar o caráter, e não apenas transmitir normas. Quando aplicada à compreensão da mentira, essa perspectiva reforça que ensinar ética significa ajudar a criança a perceber que ações desonestas não apenas prejudicam outros, mas comprometem o desenvolvimento da própria autonomia e integridade moral. Narrativas simbólicas, como a de Pinóquio, tornam esse aprendizado mais concreto e afetivo, ligando conceitos abstratos à experiência emocional da criança.

Luana Lacerda (2005) destaca que a história de Pinóquio atravessou gerações e adaptações, mas mantém seu caráter pedagógico central: a criança aprende que mentir gera consequências e que a responsabilidade sobre suas escolhas é inevitável. Cada erro do boneco de madeira revela-se como um convite à reflexão sobre decisões, mostrando que a verdade, embora nem sempre fácil ou agradável, é sempre necessária para a convivência ética e social.

Emmanuel Lévinas (2009) contribui para a compreensão da dimensão ética, ressaltando a importância do reconhecimento do outro na construção de valores. Ao observar como mentiras afetam relações interpessoais, a criança aprende a considerar o impacto de suas ações sobre os outros, desenvolvendo empatia e responsabilidade social. O processo de internalização da honestidade envolve, portanto, não apenas autoconsciência, mas também atenção e cuidado com o próximo.

Vladimir Propp (1984) e Antoine de Saint-Exupéry (2018) destacam que contos e narrativas simbólicas estruturam o aprendizado moral, permitindo que dilemas complexos sejam vivenciados de forma compreensível. Pinóquio, assim como personagens de O Pequeno Príncipe, oferecem situações que exigem tomada de decisão, avaliação de consequências e reflexão sobre valores, promovendo a internalização de princípios éticos de maneira lúdica e significativa.

J. R. R. Tolkien (2014) reforça que a fantasia é um espaço educativo privilegiado, no qual o imaginário infantil se conecta com realidade simbólica e social. A experiência narrativa permite que a criança compreenda consequências de escolhas erradas sem enfrentar riscos reais, criando uma ponte entre imaginação e prática ética. Essa vivência simbólica fortalece a capacidade de julgamento, responsabilidade e discernimento moral.

Lev Semionovitch Vigotski (2018; 2021) evidencia que a imaginação desempenha papel central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Ao trabalhar com histórias que envolvem dilemas éticos, a criança aprende a planejar ações, prever resultados e avaliar alternativas. A fantasia não é apenas entretenimento, mas instrumento pedagógico essencial para a construção da autonomia moral, permitindo que conceitos abstratos de verdade e responsabilidade se tornem experiências concretas e internalizadas.

A compreensão da mentira como oportunidade de aprendizagem, mediada por adultos atentos, literatura e diálogo reflexivo, contribui para a formação de crianças capazes de assumir responsabilidade, avaliar consequências e agir de forma ética. Pinóquio, nesse contexto, transcende o papel de personagem literário: torna-se ferramenta pedagógica que articula fantasia, ética, imaginação e construção da consciência moral.

2.8. O LOBINHO “DIZ SEMPRE A VERDADE”!

O Grupo Escoteiro João Oscalino oferece um ambiente educativo único, no qual crianças e jovens aprendem sobre ética, responsabilidade e colaboração de forma prática e simbólica. Durante os acampamentos e atividades em equipe, a honestidade não é apenas recomendada, mas essencial: mentir compromete o andamento das tarefas, faz mapas se perderem, tendas desmoronarem e objetivos não serem alcançados. Por outro lado, dizer a verdade permite que todos confiem uns nos outros, cooperem efetivamente e experimentem a sensação de realização conjunta. Dessa forma, a verdade torna-se um valor vivido, não apenas ensinado.

A Lei do Ramo Lobinho, que afirma que “O Lobinho diz sempre a verdade”, ocupa posição central nesse processo. Esta norma, integrante de um conjunto de cinco artigos — ouvir sempre os Velhos Lobos, pensar primeiro nos outros, abrir olhos e ouvidos, ser limpo e alegre, e dizer sempre a verdade — funciona como guia de conduta, moldando comportamentos e promovendo a formação ética desde cedo. Ao cumprir essas orientações, os Lobinhos internalizam

valores fundamentais, aprendendo que a honestidade fortalece relacionamentos, constrói confiança e permite que se vivencie a coletividade de forma harmônica.

Saint-Exupéry (2018), em O Pequeno Príncipe, oferece elementos simbólicos que dialogam com a prática escoteira. A obra mostra que valores como honestidade, responsabilidade e empatia não se aprendem apenas por imposição, mas pela experiência, pelo cuidado com o outro e pelo exercício da reflexão. Os acampamentos e atividades propostas pelo Grupo Escoteiro João Oscalino funcionam como um "Pequeno Planeta" simbólico, onde cada ação, decisão e palavra têm consequência real no grupo, permitindo que a criança compreenda, na prática, o significado de viver de acordo com princípios éticos.

Tolkien (2014) reforça que a fantasia e o imaginário possuem função pedagógica ao oferecer experiências simbólicas estruturadas. No contexto do escotismo, a aventura, o acampamento e os jogos criam uma narrativa lúdica na qual os Lobinhos podem experimentar decisões corretas e erradas em um espaço seguro. A honestidade é simbolicamente recompensada, enquanto a mentira apresenta consequências que podem ser discutidas e refletidas coletivamente, promovendo aprendizagem moral concreta.

Lev Semionovitch Vigotski (2018; 2021) explica que a imaginação é um recurso central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Atividades como dramatizações, simulações de acampamento e jogos cooperativos permitem que a criança crie cenários imaginários nos quais as escolhas éticas se manifestam de forma simbólica. Ao experimentar o impacto da mentira ou da verdade, o Lobinho desenvolve habilidades cognitivas, emocionais e sociais, integrando reflexão ética à ação prática.

A Promessa do Lobinho, que requer o cumprimento da Lei do Ramo Lobinho, funciona como instrumento de interiorização ética. Ao fazer essa promessa, a criança assume um compromisso consciente de viver de acordo com princípios como verdade, respeito e colaboração. A mediação constante de adultos escoteiros garante que os valores sejam compreendidos, discutidos e aplicados em diversas situações do dia a dia, fortalecendo a autonomia moral e a capacidade de decisão responsável.

O caráter simbólico das atividades, aliado à vivência prática, promove a consolidação de valores de forma significativa. Ao perceber que mentir gera desconfiança e prejudica a coletividade, enquanto dizer a verdade facilita a convivência harmoniosa, a criança experimenta diretamente a relação entre ato e consequência. Dessa maneira, conceitos abstratos de ética e responsabilidade tornam-se experiências concretas, internalizadas através da ação e da reflexão conjunta com colegas e líderes.

A prática escoteira demonstra, portanto, que a aprendizagem da honestidade não se limita ao discurso, mas requer vivência ativa. Jogos cooperativos, tarefas em equipe e desafios lúdicos

conectam fantasia e realidade, permitindo que o Lobinho compreenda que a verdade é essencial para a confiança, o respeito e o sucesso coletivo. Esta abordagem concreta transforma o aprendizado moral em experiência afetiva, cognitiva e social.

A articulação entre escola, família e atividades escoteiras reforça a aprendizagem ética. Pais e educadores podem complementar as experiências do acampamento, dialogando sobre escolhas, consequências e dilemas enfrentados durante as atividades. A prática de refletir sobre a verdade em diferentes contextos fortalece a construção de autonomia moral e a capacidade de tomar decisões éticas consistentes, conectando teoria, prática e imaginação. Neste sentido, destacamos atividades lúdicas, para o trabalho coeso, sobre a verdade.

Caça ao Tesouro da Honestidade: crianças seguem pistas espalhadas pelo espaço, mas só avançam quando dizem a verdade sobre situações apresentadas

Jogo do Espelho: cada participante conta uma pequena história ou fato e os colegas refletem como a verdade afetaria a situação

Corrida das Consequências: uma atividade física em que cada erro ou mentira gera uma penalidade simbólica, mostrando o impacto de escolhas desonestas

Dramatização de Dilemas: encenações de situações cotidianas ou narrativas de Pinóquio, onde a criança precisa decidir entre mentir ou falar a verdade

Histórias Coletivas Éticas: cada criança acrescenta uma frase a uma narrativa, sempre reforçando decisões honestas e discutindo alternativas quando surgem enganos

Cartões da Verdade: participantes recebem desafios ou perguntas, respondendo sempre com sinceridade para avançar no jogo

Teatro de Fantoches: criar personagens que enfrentam dilemas morais, explorando a consequência de mentir ou ser honesto

Jogo do Confidente: crianças contam histórias curtas sobre situações difíceis e aprendem a ouvir, respeitar e refletir sobre a honestidade dos colegas

Caminho da Confiança: percurso no qual cada passo só é permitido se a criança disser a verdade sobre uma situação hipotética ou real

Roda da Reflexão: debates guiados sobre acontecimentos do dia a dia em que a mentira ou a verdade influenciaram resultados

Corrida de Verdadeiros Heróis: atividades físicas em que cada acerto baseado em honestidade garante pontos, mostrando que a verdade é uma força positiva

Jogo dos Mapas Perdidos: simulação de acampamento onde mentir sobre a localização de objetos atrapalha a equipe, reforçando a importância da sinceridade

Histórias em Quadrinhos Éticas: crianças desenham quadrinhos mostrando consequências de mentiras e escolhas honestas

O Balão da Verdade: cada criança escreve uma situação difícil em um balão e compartilha com o grupo como resolveria honestamente

Oficina de Cartas Éticas: os participantes escrevem cartas explicando como enfrentariam situações desafiadoras de forma honesta

Mímica da Honestidade: representar atos de verdade ou mentira e discutir como cada gesto afeta relações e confiança

Desenho do Caminho Correto: crianças ilustram escolhas honestas e desonestas e refletem sobre consequências

Jogo da Confiança em Dupla: um conta um segredo e o outro precisa demonstrar que acredita e respeita, reforçando honestidade e empatia

Histórias Reescritas: criar finais alternativos para contos, mostrando o impacto da mentira ou da verdade nas narrativas

O Relógio da Verdade: crianças relatam algo que fizeram e recebem feedback imediato sobre a importância da sinceridade

O Tesouro do Grupo: jogo cooperativo em que só é possível alcançar o objetivo se todos forem honestos sobre seus atos e decisões

Jogo do Barquinho da Honestidade: simulação de travessia em equipe, na qual mentir sobre habilidades ou ações atrasa o grupo

Oficina de Máscaras Éticas: criar máscaras de personagens que representam verdades e mentiras, discutindo comportamentos e escolhas

A Roda das Consequências: jogo de perguntas e respostas sobre decisões éticas, mostrando resultados positivos e negativos de ações

Corrida de Histórias Verdadeiras: cada participante compartilha algo verdadeiro que aprendeu, e o grupo reflete sobre lições morais

Teatro das Emoções: encenações de situações onde a mentira gera conflito e a verdade promove resolução e harmonia

Jogo do Eco da Verdade: repetir histórias de forma honesta em sequência, reforçando atenção, memória e ética

Oficina de Códigos de Honestidade: crianças criam sinais ou códigos para indicar quando estão sendo sinceras, estimulando consciência ética

Bingo da Verdade: cartas com ações ou dilemas éticos; a criança marca apenas quando reconhece que agiu de forma honesta

Acampamento da Verdade: atividade completa onde todas as tarefas do acampamento, desde montar tendas até seguir mapas, dependem da sinceridade e da cooperação de cada participante

O Lobinho “diz sempre a verdade” não é apenas uma regra de conduta, mas um princípio pedagógico que articula fantasia, experiência, diálogo e reflexão. O Grupo Escoteiro João Oscalino mostra que valores como honestidade, responsabilidade, empatia e cooperação podem ser vividos de forma concreta e lúdica, formando crianças e jovens capazes de agir com ética, discernimento e sensibilidade em suas relações sociais e em contato com o mundo.

2.9. A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR COM ATIVIDADES IMPRESSAS SOBRE O TEMA "MENTIR É FEIO"

As atividades impressas desempenham um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, especialmente na educação infantil. Elas permitem que as crianças registrem suas reflexões, desenvolvam habilidades cognitivas e motoras, e consolidem o aprendizado de forma tangível. No contexto do projeto "Mentir é Feio", essas atividades proporcionam uma oportunidade para que os alunos expressem suas compreensões sobre honestidade, responsabilidade e empatia, reforçando os valores trabalhados em sala de aula.

Atividades impressas servem como ferramentas de avaliação contínua, evitando um confronto entre o imaginário e o mundo concreto infantil, permitindo que educadores acompanhem o desenvolvimento das crianças de maneira sistemática e personalizada. Elas também facilitam a comunicação entre escola e família, permitindo que os pais acompanhem o progresso dos filhos e participem ativamente do processo educativo.

Meu nariz vai crescer agora
Se a frase é VERDADE
Seu nariz não cresce...
... e faz da frase original uma MENTIRA
Então o nariz cresce e a frase vira verdade
Se a frase é MENTIRA
Seu nariz cresce...
... e faz da frase original uma VERDADE
Então o nariz não cresce e a frase vira mentira

Fonte: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-paradoxo-de-pinoquio.

"Mentir é Feio – Verdadeiro ou Falso?"

Objetivo: Refletir sobre a importância da honestidade e as consequências da mentira, utilizando atividades impressas para registrar e consolidar o aprendizado.

Material Necessário: Folhas de atividades impressas com situações para análise (baseadas no projeto "Mentir é Feio"). Lápis de cor, canetinhas e giz de cera. Cartões com situações do cotidiano. Espaço para discussão em grupo

Introdução: Iniciar a aula com uma breve conversa sobre o que é a mentira e por que ela pode ser prejudicial. Apresentar o projeto "Mentir é Feio" como um guia para entender a importância da honestidade.

Atividade Principal:

Distribuir as folhas de atividades impressas com situações que envolvem escolhas entre mentir ou dizer a verdade.

Pedir que as crianças leiam (ou ouçam, no caso dos menores) as situações e marquem se acham que a atitude foi verdadeira ou falsa.

Após cada situação, discutir em grupo as possíveis consequências das ações e reforçar a importância da honestidade.

Discussão em Grupo:

Formar pequenos grupos e distribuir cartões com novas situações para que discutam e decidam se são verdadeiras ou falsas.

Cada grupo compartilha suas conclusões com a turma, promovendo o diálogo e a reflexão coletiva.

Conclusão:

Finalizar a aula reforçando os valores de honestidade, responsabilidade e empatia.

Distribuir uma folha de atividades para casa, incentivando as crianças a compartilhar com a família o que aprenderam sobre a importância de dizer a verdade.

Referências para desenvolver atividades no contexto Educacional e Familiar:

O projeto propõe trabalhar a honestidade e a compreensão da verdade desde a infância, utilizando atividades lúdicas, reflexões e interações sociais. O objetivo é conscientizar crianças e jovens sobre as consequências da mentira, desenvolvendo valores éticos como responsabilidade, empatia e respeito. A importância do tema reside em formar indivíduos capazes de discernir ações corretas e erradas, fortalecendo vínculos familiares, escolares e comunitários.

Projeto "Mentir é Feio" – Simone Helen Drumond

20 Atividades do Projeto "Mentir é Feio": Esta coletânea de atividades oferece estratégias práticas para o ensino da honestidade, incluindo dramatizações, jogos cooperativos, desenhos, histórias coletivas e debates. Cada atividade tem o objetivo de tornar o aprendizado da ética concreto e experiencial, permitindo que a criança compreenda, simbolicamente, os efeitos da mentira e da verdade. A importância do tema está em transformar o erro em oportunidade de aprendizagem, estimulando a reflexão crítica e a construção de autonomia moral. 20 Atividades do Projeto "Mentir é Feio"
Frases e Reflexões sobre Mentira e Verdade: O uso de frases curtas e reflexivas sobre honestidade serve como ponto de partida para discussões e debates em sala de aula e em casa. O objetivo é provocar questionamentos internos nas crianças, incentivando-as a avaliar atitudes próprias e alheias. Essas reflexões ajudam a construir consciência ética e a desenvolver habilidades socioemocionais, como autocontrole, empatia e respeito pelas consequências das próprias ações. Frases e Reflexões sobre Mentira e Verdade
O projeto oferece uma base pedagógica que integra família, escola e comunidade. Ele destaca que a mentira não deve ser relativizada — não existem “mentirinhas inocentes” — e que a verdade, seja ela fácil ou difícil, é essencial para o desenvolvimento de relações saudáveis. http://simonehelendrumond.blogspot.com/search/label/PROJETO%3A%20MENTIR%20%C3%89%20FEIO
Promover a reflexão sobre atos cotidianos, construir valores éticos de forma lúdica, incentivar a empatia e a colaboração, desenvolver a consciência de consequências e responsabilidade, fortalecer o vínculo escola-família, e utilizar a fantasia e a narrativa como instrumentos pedagógicos para mediar aprendizagem sobre honestidade.http://simonehelendrumond.blogspot.com/2013/03/projeto-mentir-e-feio-frases.html
O projeto pode ser acessado em diferentes postagens no blog da autora, contendo instruções detalhadas de atividades, propostas de reflexão e materiais de apoio: • Projeto completo "Mentir é Feio" • Atividades práticas: dramatizações, jogos, contação de histórias • Frases e reflexões sobre a verdade e suas consequências http://simonehelendrumond.blogspot.com/2013/03/projeto-mentir-e-feio-20-atividades.html
A educação voltada para a verdade fortalece a formação moral e contribui para a criação de ambientes educativos mais justos e cooperativos. http://simonehelendrumond.blogspot.com/search/label/PROJETO%3A%20MENTIR%20%C3%89%20FEIO?updated-max=2013-03-31T20:53:00-07:00&max-results=20&start=3&by-date=false

Essas referências oferecem uma base sólida para o desenvolvimento de atividades que promovem a reflexão ética e a construção da autonomia moral nas crianças, pois reúnem experiências teóricas e práticas que conectam o mundo da fantasia ao da realidade. Ao trabalhar com contos, dramatizações e narrativas lúdicas, os educadores podem criar situações simbólicas em que os pequenos experimentam escolhas éticas, compreendem consequências e desenvolvem a capacidade de discernir entre o certo e o errado. A literatura infantil, os jogos cooperativos e as atividades de reflexão propostas pelo Projeto "Mentir é Feio" permitem que a criança explore, de maneira segura, dilemas morais que, na vida real, poderiam gerar medo ou ansiedade, proporcionando um espaço de aprendizado protegido e significativo.

Essas referências fortalecem a prática pedagógica ao fornecer instrumentos que permitem aos educadores mediar o aprendizado de forma consciente e estruturada. O registro de atividades impressas, as reflexões orientadas e os debates coletivos contribuem para a construção de valores duradouros, incentivando a criança a internalizar conceitos de honestidade, responsabilidade e empatia. A partir dessas experiências, os alunos aprendem que a verdade não é apenas uma norma imposta, mas um princípio que orienta suas ações, favorecendo a autonomia moral e a compreensão das implicações de cada escolha, dentro de contextos familiares, escolares e sociais.

Ao integrar teoria e prática, essas referências possibilitam a participação ativa da família no processo educativo, fortalecendo vínculos e criando continuidade entre os ambientes de aprendizagem. A possibilidade de levar para casa atividades, reflexões e registros sobre o tema permite que pais e responsáveis dialoguem com seus filhos sobre a importância da honestidade, promovendo coerência entre o que se aprende na escola e o que se vivencia no cotidiano familiar. Assim, a construção da ética infantil não se restringe ao espaço escolar, mas se amplia para a vida social da criança, tornando a educação moral uma experiência integral e contínua, fundamentada em princípios claros e em experiências significativas.

3. CONCLUSÃO

A análise de *Pinóquio, entre fantasia e realidade* evidencia o poder transformador da literatura infantil como instrumento pedagógico e ético. Ao explorar as aventuras do boneco de madeira, as crianças têm a oportunidade de vivenciar simbolicamente situações que testam a honestidade, a responsabilidade e a empatia. Essa experiência lúdica permite que os pequenos compreendam, de forma concreta, que cada escolha possui consequências, fortalecendo a percepção de que a mentira não é apenas um ato isolado, mas um fenômeno que afeta relações e a própria construção do caráter.

O imaginário infantil, amplamente explorado por narrativas como a de Pinóquio, revela-se um espaço privilegiado para a formação moral. Ele possibilita que a criança enfrente dilemas éticos em um contexto seguro, onde a fantasia e a realidade se entrelaçam, facilitando a internalização de valores como honestidade, respeito e solidariedade. Esse processo de aprendizagem simbólica cria um vínculo entre emoção, reflexão e ação, permitindo que o conhecimento ético seja vivenciado e sentido, e não apenas imposto de maneira abstrata ou autoritária.

A mediação de educadores, familiares e cuidadores é fundamental para que essas experiências literárias se transformem em aprendizagem significativa. O diálogo, o acolhimento e a orientação proporcionam às crianças um espaço de reflexão sobre seus atos e escolhas, ampliando a compreensão das consequências da mentira. Ao mesmo tempo, a intervenção dos adultos ajuda a transformar erros em oportunidades de crescimento moral, promovendo a reeducação e o desenvolvimento de atitudes éticas de maneira consistente e afetiva.

A literatura infantil, nesse contexto, vai além do entretenimento. Ela torna-se uma ferramenta pedagógica que articula imaginação, emoção e raciocínio, auxiliando na construção da autonomia moral e na consolidação de valores essenciais à convivência social. Pinóquio, como símbolo da verdade e da mentira, oferece metáforas concretas que auxiliam a criança a refletir sobre escolhas, limites e responsabilidades, mostrando que a honestidade é um valor fundamental para a vida em sociedade.

Trabalhar essas narrativas em ambientes educativos favorece também a criação de vínculos mais sólidos entre escola e família. As crianças aprendem a reconhecer a importância de agir com integridade tanto no espaço escolar quanto no lar, ampliando a compreensão de que a ética é uma prática contínua e compartilhada. Ao vivenciar essas experiências de forma lúdica, o aprendizado se torna prazeroso, profundo e duradouro, promovendo a formação integral do indivíduo.

A exploração do imaginário infantil na compreensão da honestidade e das consequências da mentira demonstra que fantasia e realidade podem caminhar juntas para a formação ética. Pinóquio deixa de ser apenas um personagem literário para se tornar um guia simbólico no processo de aprendizagem moral, incentivando crianças e jovens a desenvolverem discernimento, responsabilidade e empatia. Essa abordagem evidencia que a educação fundamentada na verdade e na reflexão ética contribui não apenas para o crescimento individual, mas também para a construção de sociedades mais justas e conscientes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar.** São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir.** Campinas: Editora Papirus. 2005.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez, 1983.

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.

ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala.** São Paulo: Editora Loyola, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto.Secretaria de Educação Fundamental**. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil.** Editora Ática, 1991.

COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio: história de um boneco.** Traduzido por Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify. 2014.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DICKEL, Adriana; SARTORI, Francieli. **A narrativa na educação infantil: a mobilização de funções psicológicas superiores em situações de interação discursiva.** Acta Scientiarum. Education, v. 42, n. 1, p. e45516, 2 mar. 2020.

DRUMOND ISCHKANIAN, Simone Helen. **Projeto "Mentir é Feio".** Blog Simone Helen Drumond. Disponível em: http://simonehelendrumond.blogspot.com/search/label/PROJETO%3A%20MENTIR%20%C3%89%20FEIO. Acesso em: 05 set. 2025.

DRUMOND ISCHKANIAN, Simone Helen. **Frases e reflexões sobre verdade e mentira.** Blog Simone Helen Drumond. Disponível em: http://simonehelendrumond.blogspot.com/2013/03/projeto-mentir-e-feio-frases.html. Acesso em: 05 set. 2025.

DRUMOND ISCHKANIAN, Simone Helen. **20 atividades do Projeto "Mentir é Feio".** Blog Simone Helen Drumond. Disponível em: http://simonehelendrumond.blogspot.com/2013/03/projeto-mentir-e-feio-20-atividades.html. Acesso em: 05 set. 2025.

DRUMOND ISCHKANIAN, Simone Helen. Projeto **"Mentir é Feio": diferentes postagens e materiais de apoio.** Blog Simone Helen Drumond. Disponível em: http://simonehelendrumond.blogspot.com/search/label/PROJETO%3A%20MENTIR%20%C3%89%20FEIO?updated-max=2013-03-31T20:53:00-07:00&max-results=20&start=3&by-date=false. Acesso em: 05 set. 2025.

FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos: Aprender a viver II.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia.** Piracicaba: Unimep, 1999.

LACERDA, Luana. **Pinóquio: uma jornada editorial.** 2005. Disponível em: . Acesso 22 nov. 2017.

LÉVINAS, Emmanuel. **O humanismo do outro homem.** Petrópolis: Vozes, 2009.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso.** Rio de Janeiro: Forense, 1984.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe.** (D. Marcos Barbosa, Trad.). Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância.** Tradução: Zoia Prestes e Elizabeth Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento**. Escritos de L. S. Vigostski. Organizção e tradução: Zoia Prestes e Elizabeth Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

E-BOOK - 2025